

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL . UFRGS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO ESPECIAL E PROCESSOS INCLUSIVOS

MARÍLIA KLEY

A ARTE DE OLHAR PARA O EXERCÍCIO DE INCLUIR

PORTO ALEGRE

2009

Marília Kley

A ARTE DE OLHAR PARA O EXERCÍCIO DE INCLUIR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Luciana Corso

Porto Alegre

2009

EPÍGRAFE

*Receita de olhar
nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas.
O mundo é sempre novo
e a terra dança e
acorda em acordes de sol
faça do seu olhar imensa caravela. (Elvira Vigna)*

AGRADECIMENTOS

Existem pessoas que merecem um carinho especial pela forma que se dedicam dar atenção, carinho e explicações. Agradeço a estas pessoas que de forma direta e indireta fizeram parte desta reflexão.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a importância do olhar do professor para o aluno nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através da obra de arte "Operários" de Tarsila do Amaral busca-se ilustrar a individualidade dos sujeitos, a diversidade e a diferença que existe entre os alunos. Neste sentido, o trabalho discute alguns fatores que contribuem para o sucesso ou o insucesso escolar, destacando a importância papel do professor e a sua formação na identificação das dificuldades de aprendizagem na sala de aula e das estratégias possíveis de intervenção ou encaminhamentos. do aluno tendo assim a possibilidade de pensar em um encaminhamento adequado. Na busca por um olhar para o exercício de incluir são discutidos os espaços existentes para o atendimento aos alunos com dificuldades ou transtorno de aprendizagem dentro ou fora do ambiente escolar.

Olhar . Dificuldades de aprendizagem . Transtorno de aprendizagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A ARTE DE OLHAR	9
2.1 Diversidade X Diferença.....	12
3 OLHAR COMO EXERCÍCIO	16
3.1 Dificuldades X Transtornos	20
4 O EXERCÍCIO DE INCLUIR.....	26
4.1 Estudo de recuperação	26
4.2 Laboratório de aprendizagem.....	28
4.3 Sala de recursos	30
5 CONCLUSÃO.....	32
Referências Bibliográficas	35

1 INTRODUÇÃO

A Educação especial e os processos inclusivos estão sendo alvos de uma grande crítica e ao mesmo tempo de uma grande inquietação, pois ao pensar na adaptação das escolas, currículos e qualificação de professores, estão se deixando de lado questões de dentro das salas de aula que são significantes para o desenvolvimento dos indivíduos.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar através de uma reflexão a importância do olhar do professor para os seus alunos dentro da sala de aula. Buscando assim, encontrar na diversidade e na diferença a individualidade de cada sujeito.

Através da visão da arte, num primeiro momento, faz-se a relação entre o olhar para uma obra utilizando como ilustração a pintura *Operários*, de Tarsila do Amaral. E do olhar para o sujeito, um olhar que deve ser feito logo nos primeiros anos de vida do indivíduo, pois é neste período que ele constrói diversos conceitos determinantes para seu desenvolvimento.

A artista ainda destaca em sua obra a diversidade e a diferença, representando através da arte a necessidade de ajudar aqueles, na época da pintura da obra, vistos como diferentes, expressando assim a sua crítica, o seu jeito de olhar.

A partir da ótica da inclusão a abordagem dos conceitos de diversidade e diferença podem ser definidos de formas distintas. A diversidade é aquela grande quantidade de uma mesma coisa, ser loiro, moreno ou gordinho. A diferença é aquilo que me torna único, o jeito de pensar, de sentir e de agir. Neste sentido, o professor não saber trabalhar com estas duas formas pode acabar sendo uma barreira para o ensino-aprendizagem.

O olhar como exercício é o papel do professor, pois eles são os responsáveis pela formação do sujeito, suas atitudes e experiências positivas irão contribuir para a constituição destes sujeitos.

Nem que fizesse um grande esforço para apenas transmitir novos conhecimentos às crianças, uma professora não conseguiria. Seu método de ensinar, suas atitudes, o seu jeito de se relacionar com cada aluno, e até mesmo a frequência com que ela fala com cada um, o interesse e o carinho que demonstra até sem querer, estariam influenciando todo o desenvolvimento afetivo das crianças. Em conseqüência, ela estaria influenciando sobre a formação do autoconceito, sobre a motivação e a capacidade de aprendizagem das crianças (POPPOVIC, 1980).

Pensar em uma maneira para que os professores possam entender os alunos que apresentam com alguma dificuldade ou algum transtorno de aprendizagem se faz necessário para que se possa potencializar o espaço escolar e assim reafirmar o quanto a inclusão pode ser feita por todos. Dificuldade de aprendizagem é aquela que todos podem enfrentar em função de inúmeras situações: uma exigência maior do que a criança pode dar naquele momento, relação vincular professor-aluno, entre outras. O transtorno de aprendizagem é um conjunto de fatores que afetam o desenvolvimento e o aprendizado. É considerado como mais severo.

Na sala de aula, em muitos momentos, o professor não consegue dar conta de tantas diferenças e dificuldades. Utilizando variados recursos e metodologias busca-se contemplar dos diferentes tempos, ritmos e formas de aprender, mas para alguns alunos isso acaba sendo pouco.

Espaços como estudos de recuperação, laboratório de aprendizagem e sala de recursos estão sendo utilizados como apoio para complementar o estudo escolar. Os estudos de recuperação são utilizados como forma de revisar o conteúdo mal compreendido em aula. O laboratório de aprendizagem é utilizado para a construção de hipóteses e concretização de conhecimentos. Nestes espaços são indicados para os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem.

A sala de recursos é um ambiente organizado com materiais específicos e profissionais especializados em educação especial, para que se possa fazer uma intervenção adequada de acordo com o transtorno de aprendizagem que o sujeito apresenta.

2 A ARTE DE OLHAR

Ao iniciar essa reflexão, vou partir do olhar de uma obra de arte, pois ela me remete a questões que venho pensando a respeito da constituição dos sujeitos, do conceito que cada um tem sobre a diversidade e a diferença.

A arte como área do conhecimento tem grande importância para o desenvolvimento do indivíduo. As habilidades desenvolvidas através da prática manual da arte podem estimular os processos mentais da criança, facilitando assim futuras aquisições (SOUZA, 2003: 139).

Dessa forma, cada indivíduo faz a interpretação de uma obra de arte de um jeito único e esta vai adquirindo seu valor de acordo com a importância que lhe é dada.

Pensando nisso busquei a obra *Operários*, de Tarsila do Amaral. Além de representar em suas obras a arte moderna, a artista expressava sentimentos e angústias que sentia com relação à sociedade.

Foi dessa forma que Tarsila do Amaral pintou obras impressionistas, antropofágicas e surrealistas. Em seus quadros utilizava cores vivas, formas geométricas, temas sociais, do cotidiano e de paisagens do Brasil, ousou na estética diferente, ou seja, fora do padrão, fora do comum (BRAGA, 1998).

Sua vida mudou bastante devido a uma crise econômica que atingiu o mundo todo em 1929. Foi neste período que a artista mostrou o seu jeito de olhar para a sociedade, a sua arte de olhar. Foi a partir de uma visita a União Soviética que ela percebeu o quanto às pessoas de qualquer classe social, podem ter um olhar especial, pois de alguma maneira existe a possibilidade de serem incentivadas a fazer ou mostrar algo novo. No Brasil percebeu o mesmo problema e fez do seu

olhar atencioso uma crítica através da arte. Nesta época foi que pintou a obra *Operários*.

Nela, mostra o rosto dos operários e as chaminés das fábricas ao fundo registrando assim o trabalho daquelas pessoas. Isso foi no início da industrialização do Brasil, um fato que marcou a nossa história não só pelas transformações, como também, pelos imigrantes que se juntaram ao nosso povo, diversificando costumes e culturas.

A escolha da obra *Operários* foi pela representação que a artista faz das pessoas na época de transformação. Tarsila do Amaral representou os diferentes estilos, jeitos e, podemos até falar em individualidades de cada operário pintado. Os traços e cores formam um conjunto. Ela mostrou uma diversidade no estilo de pintar fora do padrão, o diferente.

Entendo que este olhar atencioso nos permite reconhecer as diferenças na aparência, nas expressões, nas atitudes das pessoas pintadas. O olhar de quem quer mudar, quem quer o melhor, quem quer a justiça. É neste olhar que quero chegar, o olhar de quem quer ver a diferença e poder ajudar. E é aqui que a arte de olhar se mostra fundamental e necessária na vida dos seres humanos.

O olhar, a comunicação e a interação do outro são fundamentais para o sujeito sentir-se como sujeito. Esse olhar penso ser fundamental para a aprendizagem e para a educação. O aluno necessita do outro e do professor na escola para compreender-se, sentir-se capaz e seguro de realizar suas atividades e aplicar seus conhecimentos na vida cotidiana. Por isso é tão importante que seja feito o *olhar* para os alunos.

Nos primeiros meses de vida, o sujeito necessita do auxílio materno e paterno para se alimentar, para receber carinho, calor, aconchego, atenção e para se sentir vivo. É como se fosse aquele olhar de mãe para o filho recém-nascido, que precisa dela para se perceber, para se reconhecer como sujeito. Lacan (1938) dá a esse período o nome de *estádio do espelho*, que é quando a criança precisa do outro para existir, onde o olhar significa a sua existência.

Neste tempo ele constrói diversos conceitos e um importante crescimento na vida afetiva, descobrindo o *eu* e o *mundo*. O desenvolvimento psíquico do ser

humano inicia no nascimento e evolui na busca de um equilíbrio até a idade adulta+ (ESCOTT, 2004: 52).

A autora salienta ainda, que as relações afetivas, sociais e os vínculos devem ser bem desenvolvidos, para que a formação dos processos cognitivos aconteça, pois um aplica-se ao outro (Ibidem: 61).

Por isso a presença da família na educação do sujeito é importante, construindo regras e limites, ensinando valores que devem fazer parte deste processo, pois a criança aprende e se desenvolver através da visão que fazemos dela e através da imitação. A presença do adulto é fundamental para que as aprendizagens ocorram através de combinações.

Através destas ações que o sujeito estará iniciando os laços entre o mundo e ele, estabelecendo uma relação de confiança, a qual será fundamental para o seu desenvolvimento futuro (BARRIGÜETE, 2007: 173). As diferentes experiências que cada indivíduo passa deixam marcas, assim como acontece na história das sociedades. Com o passar dos anos, essa história vai se modificando e se organizando com novas ideias e modos de viver. É o que chamamos de cultura (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, 1993: 13).

Este processo de constituição dos sujeitos no mundo da cultura é o que chamamos de educação . o fenômeno pelo qual a criança (jovens e adultos) passa não apenas a absorver a cultura do seu grupo, mas também produzi-la e ativamente transformá-la (BUJES, 2001: 18).

A cultura é algo que é passado de geração para geração com aprendizagens, conhecimentos e formas de viver dos grupos sociais. Para Lacan, a família, entre todos os grupos humanos era o que desempenhava o papel primordial na transmissão da cultura. %A família prevalece na primeira educação+ (LACAN, citado em KAUFMANN, 1993: 13), ou seja, a importância que a mãe, o pai e quem mais fizer parte deste grupo, desempenha e determina na constituição do sujeito, a sua formação.

Fichtner salienta a importância da família para uma boa estruturação escolar. Antes de qualquer coisa é necessário que a família %funcione como organizador de condutas e comportamentos da criança+ (1987: 61). É como se a

família fosse o alicerce das condutas e comportamentos da criança para não gerarem futuras dificuldades.

A família que promove o desenvolvimento do sujeito é aquela que está presente para conversar, brincar, mostrar os limites, criar vínculos e estabelecer regras. Atitudes assim, que vão fazer com que a criança se desenvolva, saiba se relacionar e aprenda de diferentes formas. E esse aprendizado faz parte da educação.

A educação é um permanente movimento desses olhares . para dentro e para fora . conspirativos, construtivos e criativos (EIZIRIK, 2003: 03). Poder entender o aluno e a sua dificuldade de aprendizagem do aluno poderá se tornar à chave principal para auxiliá-lo em sua aprendizagem, pois assim conseguimos compreendê-lo como sujeito individual com uma história única.

Olhar desempenha também um papel fundamental na constituição da auto-estima do sujeito, pois somos o que os outros interpretam de nós. A auto-estima passa a ser uma condição básica também, para que a aprendizagem aconteça, pois é através da confiança em si mesmo e no outro que o aluno estabelece vínculos.

A auto-estima refere-se à capacidade que o indivíduo tem de gostar de si mesmo, condição básica para se sentir confiante, amado, respeitado. Tal capacidade, porém, não se instala no indivíduo como num passe de mágica, mas faz parte de um longo processo, que tem a sua origem ainda na infância (FELIPE, 2001).

Isso mostra o quanto são importantes os olhares atenciosos para os sujeitos. Vivemos a diversidade e a diferença em todos os espaços, porém nas escolas muitas vezes não se sabe diferenciá-las e acaba-se tendo o preconceito e medo das duas.

2.1 Diversidade X Diferença

As palavras diversidade e diferença podem em alguns momentos estar representando o mesmo significado, porém quando falamos em inclusão, devemos perceber que estas duas palavras traduzem coisas semelhantes, mas não iguais (Hattge, 2007).

A diversidade existe em grande quantidade de uma coisa apenas. A diferença é aquilo que diferencia uma coisa da outra. Por exemplo, em uma sala de aula, existe uma diversidade de sujeitos. Aqueles que usam óculos, os mais gordinhos, os que quase não tem cabelos ou ainda aqueles que têm uma cor de pele mais clara ou mais escura. A diversidade é esta.

A diferença vai além da seriação. Pensando em uma turma de 25 alunos, com uma diversidade de crianças, a diferença vai aparecer nas pequenas coisas. Um exemplo, em todas as turmas sempre tem um aluno que ou é o último a terminar de copiar, ou não termina de copiar. Alguma dificuldade ele tem, pode ser de se organizar com o tempo, ou de enxergar, ou de falta de atenção. Isso o torna diferente. Isso o torna individual.

Apesar de sermos sujeitos únicos, considerados diferentes, possuímos características que nos tornam semelhantes, mas ainda diferentes. A partir daí, podemos perceber as características individuais que formam o povo de um país tão diverso.

A diversidade é algo que podemos caracterizar aqui como uma seriação. Separamos várias coisas iguais ou semelhantes por cores ou tamanhos variados. Ou seja, quando organizamos uma porção de peças do mesmo formato por grupos de cores diferentes, devemos separá-los de acordo com a cor (CARVALHO, 2003).

Voltando a pensar na pintura de Tarsila do Amaral, o que chama atenção na obra *Operários* são a diversidade e a diferença que ela retrata. Há 65 anos, pouco se falava em diversidade e diferença, porém a sociedade, o povo apresentava uma necessidade de ajudar aqueles que eram diferentes, pois eram mais fracos perante aos ditos normais.

A artista mostrou o seu olhar, a sua crítica através da arte para mostrar às pessoas que o respeito deve ser mútuo. Todos podem ter os mesmos direitos e os mesmos deveres, porém respeitando a individualidade do sujeito.

A diversidade está a nossa volta. O mundo sempre foi formado por diversas pessoas ou povos com diferentes culturas, formando os sujeitos. Porém, o preconceito e a vergonha sempre afastaram aquelas pessoas que apresentavam alguma deficiência, os tornando mais diferentes do que %diversos+. Penso que isso pode estar sendo uma das barreiras nas salas de aula, pois o não saber trabalhar e agir com os sujeitos diferentes causa uma grande resistência e essa acaba gerando o preconceito. E o preconceito acaba sendo o problema para os professores.

É importante lembrar que a aprendizagem e o desenvolvimento não são iguais para todos. Cada sujeito tem um jeito, um tempo e uma necessidade que são individuais.

(...) há muita diversidade nas possibilidades de aprendizagem dos seres humanos: diversidade intelectual, física, corporal, de tempo, de formas, de aprender, de caminhos para aprender. (DORNELES, 2004, p. 210)

Em sala de aula, existem alunos que compreendem com mais facilidade, alunos que realizam as atividades com mais agilidade, existem alunos que não conseguem copiar, existem alunos que não sabem o que estão fazendo na escola e uma infinidade de casos que nos fazem refletir sobre essa diversidade de atitudes.

O professor necessita de orientação constante para lidar com as diferentes situações que surgem em uma sala de aula, pois entendo que o preconceito apareça, num primeiro momento, mas ele deve ser esclarecido para que o aluno seja aceito.

Acredito que a superação do preconceito só ocorre a partir de um espaço de trocas, reuniões, palestras, ou seja, um trabalho colaborativo. O professor não pode se sentir sozinho e ser o único responsável por sua sala de aula.

Atender à diversidade, dar a cada um o que necessita, implica conhecer a quem se destina o fazer profissional. Consegui-lo em um sujeito em situação de aprendizagem exige uma intervenção interdisciplinar (PÁEZ, 2003).

Considerando os pontos destacados, percebemos que o normal é ser diferente e a diversidade deve ser vista de diferentes formas.

Nas escolas, recebemos diferentes sujeitos. Diferentes emocionalmente, cognitivamente, comportamentalmente. Portanto, precisamos questionar: Como devemos trabalhar com os nossos alunos? Para que possamos atender a diversidade presente em todos os aspectos citados.

Aqui encontramos a grande diferença entre a diversidade e a diferença. Aceitamos a diversidade com muito mais facilidade do que a diferença. Receber um aluno com algum distúrbio ou deficiência o tornará muito diferente dos demais e isso amedronta. A falta de qualificação e preparo da instituição para atender as individualidades seria um dos motivos para tal sentimento.

Não sabemos sobre essa diferença!, nos dizem angustiados os professores... então, como lidar com ela?... o que fazer com ela?... como suportar nossa própria inconsistência e incompletude, para podermos respeitar a diferença do e no outro?... como gerenciarmos nossa própria castração e suportarmos uma suspensão em nosso próprio saber? Trata-se de um confronto direto com o nosso narcisismo! Não poderei saber tudo o que sei com essa criança! Não poderei ser o professor ou o terapeuta maravilhoso que poderia ser. Se não fosse essa diferença! Aahhh... se não fosse esse problema... (BRAUNER, 2003, p. 10).

Existe o lado do professor, como profissional responsável por exercer com competência a sua função, de proporcionar a todos os alunos o ensino, para que, conseqüentemente, aconteça a aprendizagem. Onde todos têm a possibilidade de construir seus conhecimentos, e quando essa aprendizagem não é conquistada, ocorrer à frustração do professor.

O não dar conta da diferença pode gerar no professor o sentimento de frustração e incompetência. Fazendo com que aquele preconceito, descrito antes, se torne um problema.

Acredito que a instituição, a família e a comunidade devem aprender a buscar juntas a educação que pretendem. A família dando conta da primeira educação que é a das regras, limites, valores, conceitos. A instituição se preocupar com as aprendizagens cognitivas, conhecimentos mais técnicos. E a sociedade pensar em que sujeitos deseja.

3 OLHAR COMO EXERCÍCIO

Ao pensar na arte como um processo na educação, entendo que uma das habilidades desenvolvidas é o olhar, pois observando aquilo que é produzido, existe a possibilidade de se repensar situações para melhorar e qualificar algo.

Em um ambiente escolar, este olhar passa a ser para o aluno, o sujeito aprendente, pois é ele que necessita da atenção para construir suas hipóteses e desenvolver seus conhecimentos através dos seus desejos.

Vimos anteriormente, que logo nos primeiros meses de vida o sujeito necessita da atenção, da afetividade e dos limites para poder sentir-se sujeito existente. Esses aspectos vão desenvolvendo os vínculos e relações entre ele e o meio social, relações estas, importantes para a constituição do indivíduo aprendente.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental desempenham um papel decisivo na formação escolar do sujeito, pois eles são os responsáveis pela formação do autoconhecimento como aprendiz. Assim, experiências positivas e enriquecidas contribuem para a formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos. No entanto, experiências de fracasso constantes sugerem construção de indivíduos com baixa auto-estima, ou seja, que não se percebem capazes de aprender, sujeitos passivos, frustrados e infelizes. Ferreiro destaca que

o que acontece no início da escolaridade primária é decisivo para todo o resto da história escolar da criança. É ali, nas aulas do 1º ano primário, que a criança é definida como bom aluno, lento, rápido, com problemas, sem problemas. É ali que ela vai receber a primeira etiqueta que terá consequências no resto da sua escolaridade (1987, p. 15).

Golbert e Moojen afirmam que o aluno sendo como o agente do seu processo de aprendizagem, deve-se levar em conta o seu nível de motivação, sua maturidade sócio-emocional, suas características de personalidade e caráter, como

também seu modo particular de apreensão da realidade e o funcionamento das suas estruturas cognitivas em diferentes áreas (1996, p. 93).

Como os sujeitos se formam a partir da visão que o outro faz de si, é necessário compreender que em uma sala de aula isso acontecerá também. Uma dificuldade apresentada pode ocorrer por diversos motivos. Dificuldades que podem ser de aprendizagem, de comportamento ou emocional, mas que afetam de alguma forma a sua aprendizagem podendo gerar o famoso fracasso.

Dornelles (2000) destaca seis fragmentos (retirados de duas pesquisas feitas por ela) referentes à escola, que juntamente a outros fatores poderiam contribuir para o fracasso. O primeiro seria o professor considerar que o aluno aprende só pela repetição, ou seja, não se preocupando assim com um planejamento diferenciado. Porém, estudos mostram que hoje o aluno é o construtor do seu conhecimento, tudo o que ele vivencia antes da sua escolarização é a sua bagagem, o seu conhecimento, e muitos professores não se dão conta disso.

O segundo consiste na má conduta e postura do aluno. Um aluno que não para sentado, que fala o tempo todo, que responde é o aluno que faz com que o professor perca o domínio e o controle da *situação*.

Num terceiro momento estaria a avaliação, que é realizada apenas através de provas, fazendo com que aqueles alunos que não apresentam um bom desempenho na escrita sejam prejudicados. Uma avaliação de qualidade é aquela que apresenta variadas dimensões.

O quarto fragmento seria o da idealização do professor por um aluno perfeito, aquele que fica quietinho e que não atrapalha a aula. Porém, esse pensamento é ilusório, pois a aprendizagem somente acontece em um ambiente motivador, que considere as expectativas do aluno e que permita o envolvimento de todo no processo de aprendizagem.

A falta de relação entre a escola e a família é pouca. Isso dificulta o processo, pois nenhum dos dois lados busca se ajudar. Os pais têm pouco tempo para estar com os filhos e quando podem estar não sabem como ajudá-los em suas lições.

Finalizando com o sexto fragmento o aluno como o principal responsável pelo seu fracasso escolar. Como se qualquer problema de aprendizagem fosse só responsabilidade do aluno e sabe-se que isso não é bem assim. O ambiente em que ele está inserido é um grande fator para o seu desenvolvimento, podendo assim determinar o seu sucesso ou fracasso.

A autora destaca que existe uma negação da diversidade, da subjetividade em busca de uma homogeneidade inexistente, percebendo desta forma que o olhar se faz necessário para os dois lados: o do professor para o aluno e o do professor para ele mesmo.

O que quero dizer com isso é que as escolas e os professores estão ainda presos a homogeneidade. Pensa-se e planeja-se para um grupo de sujeitos igual, como se todos fossem idênticos devendo realizar os mesmos trabalhos e apresentar os mesmos resultados.

O olhar como exercício vem ser uma atividade do professor em sala de aula, para conhecer melhor o seu aluno, problematizando situações, percebendo reações para poder auxiliá-lo sem que haja preconceitos e rótulos, ou seja, desenvolvendo um olhar que atenda as distintas necessidades e interesse do grupo de alunos. Para tanto, é necessário que o professor tenha consciência do seu papel, pois num processo de ensino-aprendizagem se ensina, se aprende e se pratica.

Um dos primeiros passos a serem dados para esse exercício de olhar é o estabelecimento de vínculos, pois além de aproximar o professor do aluno ele possibilitará o fortalecimento de laços e enriquecerá a relação com o aluno.

Um adulto capaz de olhar a criança e captar o seu olhar, para colocá-lo, como interesse, em outro objeto, certamente se constituirá, para ela, um forte modelo de aprendizagem (SCOZ, 1994, p. 80)

Eizirik afirma que uma das maiores implicações das mudanças paradigmáticas na educação é a necessidade do resgate das relações, da força dos vínculos, do rompimento com visões preconceituosas, do combate à mesmice (2003: 05). Ou seja, essa mudança se faz necessária para que se chegue a um objetivo mais claro e eficiente nas salas de aula, mas que acima de tudo que se perceba o aluno como sujeito único.

O olhar do professor e da escola para os alunos deveria servir como apoio para que se possa trabalhar de diferentes maneiras, tempos e com temas que sejam de interesse dos alunos. Pois desta forma se estaria vendo a individualidade para trabalhar com o conjunto.

A complexidade do trabalho do professor está presente na fala de Franco, %o conhecer a criança para a partir deste conhecimento construirmos as técnicas mais apropriadas para aquela turma determinada+(1995: 55). Conhecer um pouco mais da vida do aluno pode auxiliar no planejamento das atividades, na rotina das tarefas e de dos processos avaliativos, pois desta maneira poderá se entender as atitudes do sujeito.

Do mesmo modo José & Coelho também destacam a importância do professor, %O professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mutuo, na confiança e no afeto+(1999: 12).

Assim vemos que o papel do professor é extremo, pois ele deve conhecer seus alunos para organizar suas aulas e atender o grupo de acordo com a necessidade e individualidade de cada um.

O professor tem uma grande importância na vida de seus alunos, muitas vezes não percebe, pois o seu afeto, o seu carinho, a sua expressão, a sua forma de lidar com as crianças deixam marcas que podem ser percebidas na maneira como eles se referem ao professor na hora de algum questionamento. Um exemplo, chama-se o professor de mãe, vó, ou pai, ou seja, alguém semelhante a vida familiar, alguém próximo.

Pensando agora nesta arte de olhar, no exercício de fazer o olhar para o aluno, fica mais fácil pensar o porquê a arte de olhar para o exercício de incluir é necessária. A atuação da escola juntamente com os pais, professores e alunos vão formar um conjunto de fatores necessário para a constituição do sujeito. A arte de olhar individualmente para incluir todos, sem que haja preconceitos, discriminações e rotulações.

Mas e se esse conjunto não acontece assim como se prevê? Se esse olhar não está presente por falta de conhecimento, ou por falta de desejo, o que pode

acontecer com o sujeito? O que fazer para potencializar ou tornar a aprendizagem especial para todos os alunos sem que se exclua? Essas são algumas questões que nos colocamos e que merecem uma atenção especial de todos aqueles envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Não dar conta do processo de aprendizagem revela uma situação difícil para o aluno, professor e pais. O enfrentamento de dificuldades no aprendizado requer, sem dúvida, o olhar como exercício.

3.1 Dificuldades X Transtornos

Ao falarmos em dificuldade devemos nos questionar sobre o seu significado. Ela pode ter vários sentidos para cada indivíduo. Por exemplo, pode-se considerar dificuldade como um enigma, uma esfinge ou um problema. Na área da educação o mais comum é a dificuldade ser um problema.

Há algumas semanas atrás questionei a minha turma de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental: o que é um problema? Um aluno respondeu, «é algo que não sabemos resolver».

Bom, a dificuldade é algo que não estamos sabendo resolver. Mas como todo problema, se ele foi criado ele deve ter uma solução. Se o problema tem solução a dificuldade pode ser resolvida ou pode ser pensadas situações para a busca de um equilíbrio entre o sujeito e sua aprendizagem.

Considerando a escola como instituição de ensino, onde a lição aos alunos é a de que a pesquisa é importante, a leitura é fundamental e os problemas podem ter solução, por que a dificuldade de aprendizagem é o *problema* do professor? Justamente por cobrar dos alunos o estudo, como foi apresentado anteriormente, o professor serve como modelo e referência, ou seja, se ele não busca qualificação

para melhor resolver os problemas de aprendizagem na sala de aula, a instituição se contradiz no que se propõe.

A sala de aula é um palco de conflitos e contradições, como parte da sociedade que é. É claro que existem alunos que não apresentam as condições ideais de aprendizagem (segundo as expectativas do professor). Até porque, se todos estivessem interessados, disciplinados, com os conhecimentos prévios disponibilizados (...) não haveria muita necessidade do professor: bastaria uma máquina de ensinar. A grande questão é justamente saber enfrentar a realidade concreta que temos no processo de ensino-aprendizagem (VASCONCELLOS, 2003: p.55).

As estratégias de ação do professor mostram-se cada vez mais evidentes nas salas de aula, conhecer um pouco da vida do aluno, pesquisar de onde veio essa dificuldade e ler sobre os diversos tipos de dificuldades e transtornos, podem deixar esse problema um pouco menor e não individual do professor.

Para saber como aprendem os nossos alunos, questão de uma complexidade assustadora, temos que tratar de aprender também, o que equivale a nos prepararmos para passar por conflitos, por desassossegos e muitas vezes por angústias profundas. Temos que suspender a espera das respostas acabadas, temos que para de fugir do que nos faria um bom professor. (MOURA, 2003, p. 24)

O professor, a direção escolar, a estrutura física, o Projeto-Político-Pedagógico e os funcionários, a instituição como um todo, devem ter uma postura renovada para essa nova fase da escola que está se construindo. Se antes, como citado no primeiro capítulo, já não se sabia trabalhar com a diferença, este é o momento de todos aprenderem.

Moura (2003) destaca ainda três eixos que poderiam ser pensados para uma melhor mobilização e qualificação. O primeiro seria a permanente formação dos professores, onde coletivamente poderiam compartilhar experiências e trabalhar em equipe, apoiando-se uns aos outros.

Num segundo momento pensar em como revigorar o Projeto-Político-Pedagógico, que concepções irão permear as relações de ensino- aprendizagem. E finalizando com o que a autora destaca como mais urgente:

a pesquisa referente aos processos e potências cognitivas dos alunos nas diferentes faixas etárias, à forma como as teorias das aprendizagens podem fornecer elementos para pensar a didática e aos pressupostos com os quais estamos lidando quando elegemos determinadas intervenções didáticas ou planejamos uma sequência didática+(2003, p. 24).

A dificuldade de aprendizagem é responsabilidade de todos, pois não podemos excluir aquele que precisa de um olhar especial de um profissional e de muito carinho das pessoas que convivem com este sujeito.

É necessário que se compreenda que se a criança não está acompanhando o que lhe é proposto significa que algo pode não estar bem. Pode ser uma metodologia inadequada, imaturidade do aluno, falta de motivação do professor e do aluno.

Em seu artigo Galafassi (2002), destaca o pensamento de Romanelli sobre a formação do professor e a observação para o aluno.

É importante que o professor tenha uma preparação específica,(...) ser um bom educador exige muito estudo, muita determinação e muito tempo de dedicação. Contudo, enquanto esta formação está em processo o que deve ser feito? Muita observação. Após detectar o problema, o educador melhora a sua atuação junto ao aluno ao mesmo tempo que pode também orientar os pais na sequência da intervenção com profissionais competentes.

Sendo assim, o conhecimento (preparo) do professor será fundamental para utilizar de diferentes metodologias em suas aulas procurando motivar o aluno e auxiliá-lo. Porém, para fazer com que essa metodologia diferenciada atinja o aluno é necessário saber a dificuldade dele.

Quando o sujeito apresenta alguma dificuldade logo se inicia um processo de "definição do seu potencial" (Jardini, 2003: 39), ou seja, os olhares e os encaminhamentos que de alguma forma podem rotulá-lo caso o profissional que atua com esse aluno não esteja preparado ou qualificado.

No entanto, não é função do professor fazer qualquer atividade para diagnosticar a dificuldade específica do aluno, essa é uma função clínica, que exige muita experiência profissional e diálogo com outros profissionais (Moojen, 1999, p. 249). O professor deverá verificar o que ele apresenta, como ele poderá auxiliar este aluno em sala de aula e assim, se indispensável, fazer os encaminhamentos necessários.

Contudo é importante o professor saber diferenciar as dificuldades de aprendizagem e os transtornos de aprendizagem como forma de conseguir entender um pouco mais o aluno e estabelecer relações para auxiliá-lo, pois mesmo não

parecendo estes dois itens apresentam conceitos distintos e pela importância que representam merecem ser diferenciados.

A dificuldade de aprendizagem ou dificuldade transitória é aquela que todos podem enfrentar em função de inúmeras situações: uma exigência maior do que a criança pode dar naquele momento, relação vincular professor-aluno, questões emocionais, como o nascimento de um irmão, troca de escola, separação dos pais.

De acordo com Moojen (1999) o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem pode demonstrar algumas atitudes que interferem no rendimento escolar. A desmotivação, desinteresse e dificuldades em todas as matérias são algumas maneiras de manifestares das suas inquietações.

O grupo de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem não é muito nítida, pois a designação abrange situações que envolvem qualquer dificuldade observável enfrentada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas, passando por dificuldades de ajustamento aos padrões e normas de conduta vigentes na escola ou de comparecimento à escola, até dificuldades derivadas de retardo mental, déficits sensoriais, transtornos emocionais, etc. (1999, p. 249)

Tal dificuldade pode ser passageira, mas é necessário que essa criança receba um olhar especial. Um olhar com atenção, afeto e de entendimento. Nesse caso o laboratório de aprendizagem é um recurso a ser utilizado, será desenvolvido no próximo capítulo.

O transtorno de aprendizagem, por sua vez, é uma dificuldade severa, que acompanha a criança desde o início da sua história escolar. É um conjunto que afeta o desenvolvimento e o aprendizado. Pode diminuir, mas nunca acaba, deve haver uma persistência freqüente no ensino. Também é importante que a criança receba um atendimento especial, com um olhar que possa auxiliá-la em seu desenvolvimento e aprendizado. Neste caso o mais indicado é a sala de recursos.

Existem dois manuais internacionais que conceitualizam o transtorno de aprendizagem, o CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde e o DSM-IV Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. Moojen (1999) destaca a importância da caracterização dos manuais para maiores esclarecimentos sobre o assunto.

No CID-10, o transtorno de aprendizagem aparece como Transtorno do Desenvolvimento das Habilidades Escolares, que compreendem grupos de transtornos manifestados por comprometimento específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares+(1993, p. 237).

Este manual destaca ainda, que nos casos de transtorno de aprendizagem, existem alterações nos padrões normais de aquisição de habilidades, elas já estão presentes nos estágios iniciais do desenvolvimento. Porém, somente após um ou dois anos de escolaridade pode se pensar em um diagnóstico, pois antes disso existe a possibilidade de se resolver algumas dificuldades apresentadas (Moojen, 1999, p. 246).

Muitas vezes as crianças que apresentam transtorno de aprendizagem demonstraram dificuldades para vencer etapas evolutivas anteriormente, particularmente, na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral+(Moojen, 1999, p. 247).

Não se pode considerar que a falta de oportunidade de aprender, ou alguma forma de traumatismo e de doença cerebral sejam consequências do transtorno de aprendizagem. Estes problemas são mais persistentes e não evoluem.

No manual DSM-IV, o transtorno é conceitualizado como uma síndrome ou padrão comportamental ao psicológico clinicamente importante, que ocorre em um indivíduo e que está associado com: sofrimento, incapacitação ou com risco significativamente aumentado de sofrimento atual, morte, dor, deficiência ou perda importante da liberdade (1995, p. 21).

O diagnóstico é realizado depois de feitos testes individual de leitura, escrita e cálculo, quando os resultados ficam abaixo do esperado para a idade do sujeito, escolarização e nível de inteligência.

O DSM-IV ainda destaca que os problemas na aprendizagem interferem significativamente no rendimento escolar ou nas atividades da vida diária que exigem habilidades de leitura, matemática e escrita+(1995, p. 46).

Independente se os nossos alunos enfrentam dificuldade ou transtorno, para que possamos ter sucesso com relação com eles é necessário que exista uma

relação estabelecida entre escola-família para que juntos possam estabelecer planos, objetivos de trabalho e formas de alcançá-las. Uma família que compreenda que o sujeito precisa de uma atenção especial pode auxiliar incentivando e observando, juntamente com a escola, os avanços.

A escola que se propõe a atender o aluno que não aprende (com dificuldade de aprendizagem) deve oferecer um espaço adaptado para trabalhar com essas dificuldades, oportunizando o aprendizado, para que esse aprendizado se torne mais concreto e significativo.

Algumas alternativas de ação para potencializar o ensino-aprendizado são atividades como estudos de recuperação, laboratórios de aprendizagem e a sala de recursos. Nestes três espaços existem formas diferentes de se trabalhar com o aluno e de se pensar no aluno.

Poder olhar e compreender as diversas manifestações do aluno deve ser uma estratégia constante do professor. Refletir sobre as necessidades e dificuldades do aluno tornará possível a compreensão das suas reais necessidades, possibilidades e interesses, delimitando assim que tipo de intervenção se faz necessária. Lembrando ainda que o professor não é o responsável por diagnosticar nada e sim observar seus alunos e no que for necessário auxiliar os pais na busca um encaminhamento adequado.

4 O EXERCÍCIO DE INCLUIR

Olhar o aluno influenciado pelo olhar da arte, nos possibilita percebê-lo como sujeito capaz de aprender. Para tanto, torna-se necessário a utilização de diversos recursos para contemplar os diferentes tempos, ritmos e formas de aprender.

O processo de inclusão é uma forma de concretizarmos o que foi descrito anteriormente, pois esta deve ser feita inicialmente na sala de aula, mas nem sempre ela vai beneficiar o aluno no que ele realmente necessita.

É importante ressaltar que alguns casos, somente o olhar na sala de aula acaba sendo pouco. O aluno com dificuldade ou transtorno de aprendizagem muitas vezes precisa de um olhar especial do professor e de um profissional especialista para que suas necessidades sejam atendidas.

A escola que se propõe a trabalhar com a diversidade e com a diferença, organiza no seu espaço ambientes que possam dar apoio para estes sujeitos. A atividade mais comum que as escolas oferecem são as aulas de recuperação, onde por lei se garante obrigatoriedade desta atividade para atender os alunos que apresentam baixo desempenho.

Outros dois recursos que estão sendo utilizados e que vem adquirindo uma importância significativa são o laboratório de aprendizagem e a sala de recurso, pois estes buscam formas mais concretas de construir os aprendizados.

4.1 Estudo de recuperação

Por ser uma atividade descrita em lei, o estudo de recuperação é o recurso mais utilizado para retomar os conteúdos trabalhados em sala de aula e fazer a recuperação da aprendizagem não estabelecida.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) está descrita a obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos+(RIO GRANDE DO SUL, 2008).

Assim, as escolas têm obrigação de oferecer estudos de recuperação e apresentam autonomia para decidir a forma de como esse trabalho se desenvolve. O lado positivo refere-se ao fato de que todas as instituições terão a possibilidade de pensar e organizar estratégias específicas para auxiliar os alunos com dificuldades. Já o lado negativo é que muitas instituições não se preocupam em potencializar este espaço e simplesmente estabelecem um horário para recuperar os conteúdos com atividades iguais as da sala de aula.

Contudo é necessário destacar que o recuperar significa retomar os conteúdos e atividades que em sala de aula não foram bem compreendidos, porém, é limitado acreditar que em uma hora, com a mesma folha de trabalho realizada no período oposto, o aluno irá compreender individualmente o que lhe é proposto. Melchior (2004) define como considera recuperar em educação.

Em educação recuperar significa reentrar na posse do conhecimento, recobrar o que ainda não tinha atingido, reabilitar-se diante de si mesmo, perante o grupo, o professor e os pais, enfim adquirir o prestígio necessário à sua auto-estima (p. 68).

Julgo importante destacar que em muitos casos de alunos que são encaminhados para a recuperação existe a falta de estímulo por parte do professor e da família. Este sentimento de *não saber*, ou *ser fraquinho*, fazem com este aluno não se sinta valorizado e estimulado.

Outra questão importante de se destacar é: ao ser encaminhado o aluno sabe por que ele participará dos estudos de recuperação? Esclarecer ao sujeito quais são as suas dificuldades e propor alternativas além do que é realizado no espaço escolar pode ser mais uma alternativa para motivar este aluno mostrando-lhe a autoconfiança.

Quando o aluno recebe atendimento individualizado sente-se importante, valorizado, afinal, o professor está tentando ajudá-lo, confia nele, acredita na sua capacidade de aprender. Gera-se um sentimento de cumplicidade ~~que~~ ele acredita em mim, não posso decepcioná-lo+. Isso acontecendo, o aluno em geral, passa a despende maior esforço, para vencer as barreiras que encontra no dia a dia da escola (Ibidem, p. 68).

Portanto, como já mencionado anteriormente, é necessário conhecer o aluno para auxiliá-lo de forma adequada. A participação nos estudos de recuperação para um aluno que apresenta transtorno de aprendizagem, não será suficiente, ou de repente, não auxiliará em nada, somente em receber um rótulo desnecessário.

Embora se possa pensar em alternativas para oferecer orientações mais específicas às professoras, é conveniente antes analisar se as classes de recuperação são, de fato, uma alternativa adequada para resolver os problemas dos alunos, já tão marcadas por uma história de rotulações e estigmas (SCOZ, 1994, p. 142).

Um encaminhamento justifica-se quando o aluno apresenta uma dificuldade mais pontual, aquela que com uma explicação individualizada, com um recurso diferente do da sala de aula, possa compreender e concretizar seus conhecimentos.

4.2 Laboratório de aprendizagem

O laboratório de aprendizagem é um espaço onde o aluno tem a possibilidade de expressar e esclarecer suas dúvidas e dificuldades, tendo um olhar especial do professor que atua no laboratório e o acompanhamento do professor regente.

Neste espaço se buscam formas variadas do aprender. Utilizam-se atividades lúdicas e concretas, onde o sujeito possa (re)construir seus conhecimentos que na sala de aula não foram atingidos.

DORNELES apresenta o seguinte conceito sobre laboratório de aprendizagem:

(...) um espaço de trocas significativas entre sujeitos que têm diferentes ritmos de aprendizagem e contam com a chance de aprender de forma

distinta daquela de sala de aula. É um espaço para reconstruir conceitos e significados que não foram construídos em anos anteriores, ou que foram esquecidos; é um espaço de exposição de dificuldades, de dúvidas, de receios (2003, p.212).

LEONÇO (2002) apresenta um conceito semelhante, os laboratórios de aprendizagem, são espaços de ressignificações que detêm ritmo e um tempo diferenciado de sala de aula (p.54). Dessa forma, ele não pode ser visto como um lugar que irá curar o aluno, mas que juntamente com a escola vai buscar conhecer as interferências na aprendizagem do aluno.

A autora destaca ainda que a meta do laboratório de aprendizagem é atender o aluno e fornecer subsídios às estratégias didáticas do professor, onde se irá pensar nos alunos que apresentam lacunas, defasagens, comprometimentos no campo da aprendizagem, apostando antes de qualquer coisa, nas suas possibilidades de superação (Ibidem, p.55).

Um espaço com tempo para o estudo individualizado do aluno, onde ele pode se perceber como sujeito aprendente e construtor de conhecimento. Um espaço que acolhe e que disponibiliza tempo para o avanço do aluno, ou seja, para o desenvolvimento e construção da sua aprendizagem.

Não se pode esperar de um laboratório um lugar para reforço escolar ou repetição de atividades da sala de aula, pois ele não tem a mesma função dos estudos de recuperação (DORNELES, p. 213).

O que diferencia o laboratório de aprendizagem dos estudos de recuperação é a função que cada um se destina. No laboratório o sujeito terá a possibilidade de construir suas hipóteses e conhecimentos ainda não compreendidos. Nos estudos de recuperação o aluno terá a possibilidade de revisar e estudar sobre os conteúdos e atividades vistos em sala de aula, porém de formas variadas para concretizar seus conhecimentos.

CORSO afirma:

precisamos considerar que os processos de aprendizagem e desenvolvimento são seqüenciais, ou seja, ocorrem por etapas. As etapas são as mesmas para todos os indivíduos, mas existe uma trajetória individual e um ritmo maturacional próprio de cada criança que devem ser respeitados. Isso nada mais é do que a expressão da diversidade, que está presente em todos os aspectos da aprendizagem. diversidade de tempo,

de ritmo, de maneira de aprender, de caminhos para aprender, de preferências, entre tantas outras. (2008)

Acredito que o laboratório de aprendizagem, como conceituamos anteriormente, tem essa função, de oportunizar o aluno a crescer, conhecer e se descobrir como sujeito capaz de aprender através do seu *ritmo*.

Portanto, se juntarmos o olhar do professor, o incentivo dos pais e o ambiente organizado pela escola, estamos acreditando no potencial dos alunos. Possibilitar situações que o aluno vivencie o sucesso servirão para potencializar ainda mais o seu aprender favorecendo assim o desenvolvimento do sujeito.

4.3 Sala de recursos

A sala de recursos é um espaço diferente do da sala de aula. Nela o sujeito que apresenta algum transtorno de aprendizagem terá a possibilidade de exercitar atividades que auxiliem em novas hipóteses e construções para o conhecimento.

Acompanhado de profissionais especialistas ele estará em um espaço de busca e compreensão dos processos cognitivos, emocionais e sociais. Na maioria das vezes o atendimento neste ambiente é um suplemento do que é realizado na escola. Busca-se neste ambiente proporcionar o desenvolvimento de diferentes possibilidades do sujeito, tendo sempre claro que ele poderá progredir, mas suas dificuldades nunca vão sanar.

De acordo com o Decreto nº6571, Art. 3º, § 1º As salas de recursos multifuncionais são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado.+

OLIVEIRA (2004) enfatiza que na lei

as salas de recursos destacam-se como local de realização do apoio pedagógico especializado, pelo qual as entendemos como espaço privilegiado de sustentação e ocorrência da inclusão escolar, conforme definidas no Parecer nº 17 do CNE/CEB (BRASIL, 2001a, p. 24). É um serviço a realizar-se em escolas comuns, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais

especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas mais próximas, nas quais não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que freqüentam a escola comum.

Por ser uma atividade importante para o sujeito que apresenta algum transtorno de aprendizagem, a sala de recursos, deve ser bem estruturada para que o atendimento seja eficiente. Cada sala deve ter a sua autonomia na organização de horários e de atendimentos realizados.

A procura por este ambiente deve partir da escola depois de feita uma avaliação adequada do aluno, pois este espaço proporciona um olhar especial para aqueles que realmente precisam de diversas metodologias devido as suas dificuldades.

A grande diferença entre a sala de recursos e o laboratório de aprendizagem, é que neste primeiro, o sujeito deve apresentar algum transtorno de aprendizagem que possa de alguma forma ou não comprometer o seu aprendizado. E assim, vão se acumulando dificuldades e retardando seu desenvolvimento. No laboratório de aprendizagem, o sujeito tem a chance de aprender e reconstruir conceitos que em sala de aula não foram possíveis.

Como já visto no capítulo anterior, o professor, a escola e a família devem andar juntas para que o aluno, possa se desenvolver e se constituir como sujeito aprendiz com autonomia, espírito crítico e criatividade.

Se aprender significa tanto, precisamos começar a *aprender* a olhar o aluno. Olhar de forma que o planejamento seja coerente com a dificuldade dele. Propondo um espaço para esse olhar já estamos percebendo e olhando nosso aluno de forma diferente, pois estamos buscando alternativas para auxiliá-lo e assim acreditando no seu potencial.

5 CONCLUSÃO

Ao destacar a inclusão como um motivador para as novas mudanças no ensino comum no sentido de reorganizar os tempos e espaços de aprendizagem+ Baptista (2004, p. 192.), faz-nos perceber que temos a oportunidade de repensar nossas escolas, currículos e formas de desenvolver a aprendizagem.

A ideia ao iniciar está reflexão foi ir além do simples ver. Foi pensar através da arte quais outras belezas podemos encontrar na educação e principalmente na sala de aula. A artista Tarsila do Amaral retratou um fato social que marcou a história e que contribuiu para a sociedade. Nela apresentou a diversidade e a diferença entre as pessoas, mas penso que o que se destacou foi a individualidade de cada sujeito.

Foi partindo disto, que julguei necessário refletir e conhecer como acontece essa individualidade. E este estudo me mostrou que o olhar para o indivíduo logo que ele nasce significa muito para a sua existência. E que a família desempenha um papel fundamental para que o desenvolvimento deste indivíduo aconteça e seja estabelecidos vínculos com o mundo, formando assim uma diversidade de sujeitos.

Esta diversidade de sujeitos é o que compõe o espaço escolar e forma um grupo de alunos heterogêneos, ou seja, não iguais. Sujeitos com diversos estilos, diferentes jeitos de pensar e agir. E é essa diversidade e diferença que produzem a cultura do meio social.

Porém percebo o quanto é difícil a aceitação dessa heterogeneidade. Aceita-se bem a diversidade, mas as diferenças não. Os professores não querem receber alunos diferentes. Alunos que apresentam alguma dificuldade ou transtorno de aprendizagem tornam-se um problema, pois dão trabalho. E esse pensamento não é culpa somente do professor, mas também da escola como um todo, pois se julga

como responsabilidade do professor atender este aluno, porém falta formação e apoio adequado para trabalhar com a diferença.

O professor também precisa de um olhar especial para que possa aprender a olhar cada aluno na sua individualidade. Ter um apoio pedagógico que auxilie na suas dúvidas, qualificar sua formação e realizar atividades de trocas de experiências podem contribuir para um trabalho mais autoconfiante e comprometido. Acredito que tudo isso não seja tarefa fácil, mas na busca por uma escola melhor, devemos apostar.

Na procura por um olhar como exercício o professor apresenta grande importância na vida escolar dos alunos nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através deste estudo percebi o quanto o professor serve como referência. Ele é um modelo, aquele vai inspirar e motivar os alunos para a aprendizagem e para o estudo. Sua função é especial e fundamental para o desenvolvimento escolar do sujeito aprendente.

Desta forma, se o professor conseguir olhar o seu aluno, terá a possibilidade de se aproximar da família e juntamente com ela pensar alternativas que possam auxiliar no desenvolvimento dele

Algumas alternativas para contemplar o jeito individual dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são os estudos de recuperação e laboratórios de aprendizagem, pois neles os alunos terão atendimento individual ou em pequenos grupos podendo assim esclarecer dúvidas que é o caso da recuperação ou construir e concretizar aprendizagens no caso do laboratório de aprendizagem.

Porém, é importante destacar que muitas vezes o aluno participa dos estudos de recuperação por apresentar alguma dificuldade, mas este espaço pode não lhe proporcionar o que realmente necessita. A procura por um especialista para identificar possíveis causas da dificuldade apresentada pode ser uma alternativa para se chegar num resultado desejado.

A sala de recursos auxiliará aqueles alunos que apresentam algum transtorno de aprendizagem, que precisam de materiais adequados e de especialistas que compreendam as suas necessidades.

Ambos dos espaços beneficiam os indivíduos se suas dificuldades forem identificadas e bem encaminhadas. Contudo, é importante lembrar que estes alunos participam do grupo de alunos incluídos, pois eles necessitam de um olhar especial e de um atendimento que contemple suas necessidades.

É considerável refletir que não estaremos pensando em inclusão se antes não soubermos aceitar e reconhecer a diversidade e a diferença dentro das escolas. Não será possível auxiliar o aluno em suas dificuldades se o professor e a escola não tiverem qualificação. Para que a inclusão possa acontecer todos devem participar juntos.

Assim como diz o princípio fundamenta da Declaração de Salamanca (1994)

(...) que todas as crianças, sempre que possível, devem aprender juntas, independentemente de suas dificuldades e diferenças. As escolas integradoras devem reconhecer as diferentes necessidades de seus alunos e a elas atender; adaptar-se aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem das crianças e assegurar um ensino de qualidade (...). (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 21-22).

Referências Bibliográficas

BARRIGÜETE, Carmen. **A afetividade: Aspectos Evolutivos e Educacionais**. In: GONZÁLEZ, Eugenio. *Necessidades Educacionais Específicas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRAGA, Angela. **Tarsila do Amaral**. São Paulo: Moderna, 1998.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual de Educação. **Coletânea de Leis, Decretos e Atos Normativos da Educação Federal e Estadual**. 9ª Coletânea. Porto Alegre, 2008.

BRAUNER, Maira Fabiana. **Projeto: Revista de educação: Inclusão**. Porto Alegre: Projeto, v.5, nº7, 2003, p. 9 . 13.

BUJES, M. I. E. E 2001: 18

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos Í isÍ**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10; descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CINEL, Nora Cecília Bocaccio. LOPES, Véra Neusa. *Aprendizagem divertida*. **Revista do Professor**. Rio Pardo, n. 92, p. 25-29, Out. a Dez. 2007.

CORSO, Luciana. **Dificuldades de aprendizagem e Educação Infantil**. *Revista Pátio Educação Infantil*. Porto Alegre, nº16, p. 22-25, Março/ Junho, 2008.

CRAIDY, Carmem & KAERCHER, Gládis Elise. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan/ Editado por Pierre Kaufmann; tradução, Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

DORNELES, Beatriz Vargas. Laboratórios de aprendizagem: funções, limites e possibilidades. MOLL, Jaqueline. **Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades.** Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 209 . 217.

DORNELES, Beatriz Vargas. **As várias faces do caleidoscópio: anotações sobre o fracasso escolar** . Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre. Novembro. 1999

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, DSM-IV, 4ª Ed.**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Projeto: Revista de educação: Inclusão.** Porto Alegre: Projeto, v.5, nº7, 2003.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre a Psicopedagogia Clínica e Institucional: Um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem.** Novo Hamburgo: Feevale. 2004.

FELIPE, Jane. **O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky e Wallon.** In: CRAIDY, Carmem & KAERCHER, Gládis Elise. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 27-37.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 2.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

FICHTNER, Nilo. **Distúrbios de aprendizagem: aspectos psicodinâmicos e familiares.** In: SCOZ. Beatriz Judith Lima. Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 56-63.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. **O construtivismo e a educação.** Porto Alegre: Mediação, 1995.

GALAFASSI, Flaviane. Dificuldades de aprendizagem: o papel do professor. **Revista Aprende Brasil.** Curitiba: Editora Positivo, nº22, p. 16-18, julho/agosto, 2002.

GOLBERT, Clarissa & MOOJEN, Sônia. **Dificuldades na aprendizagem escolar.** In: SUKIENNIK, Paulo. O aluno problema. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1996, p. 79 . 110.

HATTGE, Morgana Domenica. **Curso de formação continuada em Educação Inclusiva.** Feevale, 2007.

KIGUEL, Sonia Moojen. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, páginas: 25-39.

JARDINI, Renata Savastano. **Método das Boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita: fundamentação teórica.** Livro 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JOSÉ, Elisabete da Assunção. & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1999.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MOOJEN, Sônia. **Dificuldades ou transtornos de aprendizagem.** In: RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

LEONÇO, Valéria Carvalho de. **Laboratório de Aprendizagem: quando aprender significa crescer.** In: LEONÇO, Valéria Carvalho de. Laboratório de aprendizagem. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/ Secretaria Municipal de Educação, 2007.

MELCHIOR, Maria Celina. **O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação.** Porto Alegre: Premier, 2004.

MOURA, Vera. **Projeto: Revista de educação: Inclusão.** Porto Alegre: projeto, v. 5, n. 7, 2003, p. 21-24.

OLIVEIRA, Fabiana Maria G. S. **As Salas De Recursos Como Apoio Pedagógico Especializado À Educação Escolar Do Deficiente Mental .** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal De Mato Grosso do Sul .Programa de Pós-Graduação em Educação -Curso de Mestrado .Campo Grande / Ms , 2004.

PÁEZ, Stella Caniza. **Projeto: Revista de educação**. Porto Alegre: Projeto, v.5, n.7, 2003.

POPPOVIC, Ana Maria. **Pensamento e Linguagem: programa de aperfeiçoamento para professores de primeira série**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980, p. 17-18.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança Ë por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2003.

WEISS, M.L. **Psicopedagogia Clínica Ë Uma Visão Diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.